

DOENÇAS NA SILVICULTURA

Ceilo Garcia Auer
Pesquisador da Embrapa Florestas

As principais doenças são aquelas que causam danos expressivos e prejuízos econômicos, sociais e ambientais apreciáveis. Estes danos podem ser verificados na produção de mudas em viveiros florestais, quando algumas doenças podem até impedir essa atividade comercial.

Em condições de campo, as doenças consideradas mais importantes são aquelas que provocam a mortalidade das plantas, a redução na produção de madeira e a perda na qualidade da madeira, inviabilizando o negócio florestal. Outro aspecto constatado na silvicultura é a formação de florestas plantadas com problemas de desenvolvimento das árvores em decorrência de vários fatores: mudas de péssima qualidade sanitária, práticas inadequadas de plantio e a falta de acompanhamento do crescimento da floresta, principalmente nas fases iniciais de sua implantação.

Espécies mais atacadas

Dentre as espécies florestais utiliza-

das em plantios comerciais, destaca-se o eucalipto pela grande quantidade de doenças registradas. Merece ser mencionado que várias dessas doenças promovem um baixo impacto econômico.

Tal impacto dependerá do material genético plantado, das condições ambientais locais e da presença do agente causal da doença. O agente causal é denominado patógeno e pode ser um fungo, uma bactéria ou um vírus.

Controle

Conforme apontado anteriormente, a falta de acompanhamento ou de um monitoramento das florestas plantadas impede a detecção precoce de problemas. O monitoramento deve ser feito desde o plantio até a fase final da exploração e corte final da floresta.

A detecção precoce permite ao produtor a chance de aplicar rapidamente o controle, implicando na redução dos danos e perdas. O atraso na detecção causa perda da eficiência da medida de controle, chegando ao ponto de não ter mais viabilidade econômica e ou técnica.

Existem pelo menos quatro formas de controle: métodos silviculturais, controle químico, controle por resistência genética e controle biológico.

Métodos eficientes

Os métodos silviculturais e o controle químico são os mais acessíveis para uso. Contudo, tais medidas podem apresentar impactos ambientais questionáveis. O controle por resistência e o controle biológico demandam maior tempo para aplicação e condições favoráveis para seu uso e são ecologicamente corretos.

Cada doença apresenta um leque de opções para seu controle e cabe ao produtor escolher a mais eficiente e de menor impacto ambiental.

Erros

O primeiro erro é a noção de que depois do plantio das mudas, estas se desenvolvem sem a necessidade de um acompanhamento técnico. Como na produção agrícola, a plantação deve ser monitorada. Detecção precoce de





problemas, facilita o controle e reduz perdas econômicas.

Outro erro está na correta identificação do patógeno da doença. Sabendo-se qual o tipo de agente causal, pode ser prescrita a medida de controle mais eficiente. Em muitos casos, a "identificação" é feita por uma pessoa inexperiente no assunto e as medidas de controle serão infrutíferas, aumentando os custos de controle.

A diagnose de doenças florestais, como no caso da medicina, deve ser feita por técnicos experientes no assunto. Esses erros banais podem promover quedas significativas na produção de mudas, madeira ou produtos não madeiráveis (óleos essenciais e resina, por exemplo), seja na quantidade produzida ou na qualidade final.

Merece ser destacado que a aplicação de medidas de controle incorretas ou inadequadas forçosamente implicará em aumento de custos na produção. Toda medida de controle representa custo para o produtor e o que se deseja é que ela garanta a eliminação do patógeno ou a manutenção da doença em níveis aceitáveis e que não afetem significativamente o retorno financeiro do empreendimento florestal.

Tecnologia

As novidades no controle de doenças florestais seguem duas linhas básicas. Uma das linhas é o desenvolvimento de material genético resistente (espécie, híbrido, clone) às principais doenças do eucalipto aliado à alta produtividade no campo.

A segunda linha é o desenvolvimento de produtos para controles químico e biológico específicos para doenças na área florestal. Vale salientar que atualmente o mercado de defensivos agrícolas ainda não possui produtos comerciais registrados para eucalipto e pinus. •

PRODUTORES DE SP INVESTEM NO PLANTIO DO EUCALIPTO

Em busca de alternativas de renda, produtores de São Paulo estão investindo no plantio do eucalipto. O cultivo mecanizado facilitou o processo. A cana-de-açúcar é a principal atividade na fazenda do agricultor Maurílio Cristofani, em Altinópolis, a 382 quilômetros de São Paulo.

A propriedade tem 250 hectares e a lavoura substituiu a pecuária há cinco anos. "No início a gente trabalhou com pecuária. Depois de um tempo, passamos a plantar cana. Mas nas áreas que a usina achou que não era de viabilidade de mecanização nós optamos por plantar eucalipto", justificou Cristofani.

Em 30 hectares foram cultivadas 40 mil mudas de eucalipto. O plantio foi feito por uma empresa especializada que cuida do preparo do solo, controla as formigas e levou agilidade ao processo. O cultivo está sendo feito com o auxílio da máquina chamada de tanque de aplicação de gel.

As mudas são injetadas e em seguida o gel é despejado. O produto tem a capacidade de reter a água e liberá-la lentamente no solo. Com isso, é possível diminuir o número de irrigações após o plantio. A máquina também aumenta a velocidade do serviço. No plantio convencional um trabalhador é capaz de colocar as mudas em meio hectare por dia.

Com estes sistemas, são dois hectares por dia. Em áreas degradadas ou em regiões onde o solo tem baixa fertilidade seria necessário investimento para a manutenção das lavouras com colheita anual, os produtores

preferem plantar o eucalipto porque o custo de manutenção da floresta pode ser menor. "É uma cultura que vai exigir no máximo glifosato, para fazer um herbicida seletivo, e isca formicida para matar formiga", disse Fabrício Máscaro, técnico florestal.

Os bons resultados na vizinhança incentivaram o seu Gláuber Moraes, agricultor que mora em Cajuru, outro município da região. Ele queria substituir a cana em razão do alto custo de produção e transporte. Pesquisou a soja, o milho e a laranja. Depois de fazer as contas, optou pelo eucalipto em 40 hectares. "O eucalipto tem várias finalidades, como papel, celulose, energia, móveis e carvão. Então, tem uma gama de oportunidades para encaixar essa madeira", justificou.

José Zani Filho é consultor florestal e dono de um viveiro que produz cerca de oito milhões de mudas de eucalipto por ano. Ele aponta que o que está puxando esses bons resultados de eucalipto é a grande procura que existe no mercado. "Hoje temos em torno de 350 milhões de metros cúbicos de consumo e só produzimos em torno de 90 milhões de metros de cúbicos de madeira. Então, este déficit de madeira estamos buscando no cerrado, devastando mata nativa. Agora, é necessário que o governo faça um planejamento para se retirar racionalmente madeira da mata nativa e incentivar o plantio de floresta de rápido crescimento, como é o caso do eucalipto, para suprir essa demanda de madeira", alertou Zani Filho. •

